

A ESTRUTURA DE FORMAS COMO *FEMINISTO* E *PRESIDENTO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE STRUCTURE OF NOMINAL FORMS LIKE *FEMINISTO* AND *PRESIDENTO* IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Heloisa Nogueira Marques (Unicamp)

h252361@dac.unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0003-1370-0914>

Karin Camolese Vivanco (Unicamp)

vivanco@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-7582-2047>

RESUMO: *O objetivo deste squib é discutir formas nominais inovadoras do tipo feministo e presidente, que, a princípio, parecem realizar o sufixo de gênero masculino -o. Tal realização problematizaria a análise de Schwindt (2011) sobre o sistema de marcação de gênero em português brasileiro, na qual o sufixo de gênero masculino deixaria de ser realizado fonologicamente por imposição de uma hierarquia de restrições morfofonológicas — aos moldes de abordagens baseadas em restrições, como o Serialismo Harmônico (McCarthy, 2000) e a Optimal Interleaving Theory (Wolf, 2008) — que favoreceriam sua não realização em detrimento da formação de hiatos entre esse sufixo e as vogais temáticas -e, -o e -a. Neste trabalho, sugerimos duas propostas de análise das formas acima, a saber: (1) a existência de duas gramáticas em competição (seguindo Kroch, 1994), gerando formas com e sem expressão fonológica do sufixo de gênero; e (2) a possibilidade do sufixo -o nas formas acima poder ser, na verdade, de natureza derivacional, relacionada ao significado pejorativo destas palavras.*

PALAVRAS-CHAVE: *gênero; masculino; teoria da otimalidade; flexão, vogal temática.*

ABSTRACT: *The goal of this squib is to discuss innovative nominal forms like feministo and presidente, which, at a first glance, seem to phonologically realize the masculine gender suffix -o. This phenomenon seems to raise issues for the analysis on the gender marking system in Brazilian Portuguese put forth by Schwindt (2011) and based on constraint-based approaches, such as Harmonic Serialism (McCarthy, 2000) and Optimal Interleaving Theory (Wolf, 2008).*

The author proposes that the masculine gender suffix would not be phonologically realized due to enforcement of hierarchically organized morphophonological restrictions — which favors the non realization of the masculine gender suffix over the presence of hiatus between the aforementioned suffix and the nominal thematic vowels -e, -o and -a. In this work, we suggest two proposals for the analysis of these innovative forms, namely: (1) the existence of competing grammars (following Kroch, 1994) that generate nominal forms with and without a phonologically realized gender suffix, and (2) the possibility of the suffix -o actually being of derivational nature, bearing the pejorative meaning of certain names.

KEYWORDS: *gender; masculine; optimality theory; inflection; theme vowel.*

1 Introdução

O termo *gênero*, ou *gênero gramatical*, em Linguística, se refere à distribuição dos nomes em classes mórficas (Camara Jr., 1970). No português, por exemplo, a classificação se dá entre o masculino e o feminino, e essas duas classes exibem paradigmas de flexão distintos: quando se usa um substantivo classificado como feminino, os adjetivos, artigos e pronomes que o acompanham devem concordar com ele no feminino, (e.g.: *a grama cheirosa*) ou a frase será agramatical (e.g.: **a grama cheiroso*), e o mesmo caso se aplica ao masculino. Embora, à primeira vista, pareça haver uma relação entre a forma *-o* e o gênero masculino e a forma *-a* e o gênero feminino, ela não é sempre presente (*o problema* é uma palavra masculina e *a libido* é feminina, por exemplo). Esse não isomorfismo fez com que análises diferentes do sistema de gênero no português fossem desenvolvidas utilizando os conceitos de sufixo de gênero e vogal temática (Camara Jr., 1970; Santana, 2019).

Para Camara Jr. (1970), as vogais temáticas (doravante VT) são morfemas vocálicos que distribuem as palavras em classes, mas que não carregam informações lexicais ou relevantes para fenômenos de concordância¹. No português, as VTs dividem os nomes em quatro classes: nomes de VT *-a* (Classe 1), nomes de VT *-o* (Classe 2), nomes de VT *-e* (Classe 3) e nomes que não contêm VT² (terminados em consoante ou em vogal tônica). Já os sufixos de gênero

¹ E.g.: *o dentista delicado*, o nome *dentista* termina com a vogal temática *-a*, mas exige que o artigo *o* e o adjetivo *delicado* concordem com ele no masculino.

² Adiante, as classes serão abreviadas para CL1 (para nomes com VT *-a*), CL2 (para nomes com VT *-o*) e CL3 (para nomes com VT *-e*).

(doravante SG), para o autor, seriam, morfemas que dividem os nomes em outras classes mórficas (Camara Jr., 1970): a feminina e a masculina. Na proposta do autor, as classes mórficas sinalizadas pelas VT e aquelas sinalizadas pelos sufixos de SG são ortogonais, uma vez que é possível ter nomes com qualquer VT tanto no feminino e quanto no masculino.

Segundo Camara Jr. (1970), o gênero no português realiza a oposição privativa de formas masculinas e femininas por meio do SG *-a*, que marca feminino. Para ele, as formas masculinas são caracterizadas pela ausência de marca de feminino, não pela presença da marca de masculino. Em outras palavras, o masculino é realizado por um morfema sem expressão fonológica – um morfema zero. Isso explicaria, por exemplo, a oposição entre palavras como *senhor* e *senhora* ou *peru* e *perua*, em que apenas a forma feminina possui um SG com expressão fonológica.

Schwindt (2011) parte da análise mattosiana para descrever o mesmo fenômeno, mas, ao contrário de Mattoso, assume que o morfema de gênero é ranqueado em relação às vogais temáticas, enquanto traços morfossintáticos, para ser realizado fonologicamente, de forma que sua ausência em uma palavra não é uma decorrência da presença de um morfema zero, mas da não realização de um morfema de gênero abstrato por força de um ranking de restrições. Articulado teorias derivadas da Teoria da Otimalidade (OT) (Prince; Smolensky, 2004), o autor descreve, grosso modo, que a inserção das VTs *-e*, *-a* e *-o* tem preferência em relação à inserção do SG masculino *-o* nas raízes dos nomes, e que, posteriormente, o SG masculino não é realizado fonologicamente para evitar a formação de hiatos entre este sufixo e a VT (e.g.: **mestreo*, **meninoo*).

Há, no entanto, formas inovadoras no português que, à primeira vista, parecem realizar fonologicamente a inserção do SG masculino *-o* em nomes de VT *-e* (e.g.: *manicure*, *manicuro*) e *-a* (e.g.: *feminista*, *feministo*) desafiando as análises de gênero tradicionalmente postuladas para o português. Neste *squib*, revisitaremos a análise de Schwindt para discutir se a presença do segmento *-o* pode ser considerada como marcação de gênero masculino nos substantivos originalmente terminados com VT *-e* ou *-a*. Para isso, este trabalho conta com cinco seções: esta, em que introduzimos os conceitos de sufixo de gênero e vogal temática e apresentamos em linhas gerais as análises de Schwindt (2011) e Camara Jr. (1970) sobre o sistema de gênero em português; a segunda, em que os dados inovadores serão expostos; a terceira, em que a análise de Schwindt (2011) será retomada e aplicada aos dados inovadores; a quarta, em que

exploraremos a possibilidade da existência de duas gramáticas em competição gerando formas com e sem expressão fonológica do sufixo de gênero e a possibilidade do sufixo *-o* se tratar de um sufixo derivacional cuja motivação semântica se relaciona à atribuição de significado pejorativo às palavras; e a quinta, em que serão apresentadas considerações finais.

2 Exposição dos dados encontrados

Formas inovadoras, com um sufixo realizado fonologicamente como *-o*, parecem ser usadas por, pelo menos, parte dos falantes de português. Apresentam-se abaixo algumas ocorrências desse fenômeno; os dados foram coletados manualmente na rede social X, antigo *Twitter* (Quadro 1).

Quadro 1 - Nomes terminados em *-o* e formas equivalentes terminadas em *-a* ou *-e*

Formas inovadoras terminadas em <i>-o</i>	Formas <i>standard</i> terminadas na VT <i>-a</i>	Formas inovadoras terminadas em <i>-o</i>	Formas <i>standard</i> terminadas na VT <i>-e</i>
<i>feministo</i>	<i>feminista</i>		
<i>piranho</i>	<i>piranha</i>	<i>manicuro</i>	<i>manicure</i>
<i>gandulo</i>	<i>gandula</i>	<i>presidente</i>	<i>presidenta</i>
<i>patrioto</i>	<i>patriota</i>	<i>moleco</i>	<i>moleque</i>
<i>colego</i>	<i>colega</i>		

Fonte dos dados: (Simplesmente..., 2022); (Queria..., 2020); (No banco..., 2022); (Um patrioto..., 2018); (Me humilhando..., 2022); (Got7..., 2021); (Bom..., 2022); (A Marcela..., 2020).

Nas colunas à esquerda (“Formas inovadoras terminadas em *-o*”) vemos as inovações morfológicas a partir de formas já existentes de nomes com as vogais temáticas de CL1 e CL3. Alguns destes substantivos, originalmente, exibem a flexão de gênero apenas nos determinantes e adjetivos que o acompanham (*e.g.*: o/a colega). No entanto, há outros, como *piranha*, que originalmente não flexionam.

Antes de discutir as possíveis motivações dos dados listados, revisaremos a análise de Schwindt (2011) para a marcação de gênero em português. Na seção 4, discutiremos os desafios que os dados do Quadro 1 colocam para a análise defendida pelo autor.

3 A morfologia de VT e SG segundo Schwindt (2011)

No trabalho de Schwindt (2011), o autor defende que os morfemas de gênero podem deixar de ser realizados fonologicamente por imposição de um ranqueamento de restrições. Ele se baseia em vertentes da OT, um modelo de gramática de base gerativa que assume a existência de restrições universais violáveis para explicar fenômenos linguísticos (Prince; Smolensky, 2004; McCarthy, 2008). A teoria possui três componentes básicos:

- (1) *Constraints* (CON): o conjunto de todas as restrições operantes sobre todas as línguas;
- (2) *Evaluator* (EVAL) um ranqueamento das restrições presentes em CON;
- (3) *Generator* (GEN): componente que pode realizar quaisquer operações sobre uma forma de entrada (*input*) do léxico, gerando múltiplos candidatos para a forma de saída (*output*).

As formas geradas em GEN são avaliadas em EVAL e o candidato que melhor satisfizer esse conjunto de restrições hierarquizadas e conflitantes entre si³ será considerado como ótimo e corresponderá ao *output* da forma em questão (Prince; Smolensky, 2004; McCarthy, 2008).

Em sua análise, Schwindt (2011) emprega o Serialismo Harmônico — em que o *output* gerado por GEN e avaliado como ótimo por EVAL pode retornar a GEN como um novo *input*, gerando um *loop* até que haja convergência, isto é, até que o *output* *n* seja idêntico ao *output* *n* – 1 por não haver operações restantes que deixem o *output* mais harmonioso (McCarthy, 2000; Prince; Smolensky, 2004) — e a *Optimal Interleaving Theory* — em que se assume que restrições de boa formação morfológica e fonológica são impostas em um só módulo gramatical (Wolf, 2008).

³ Seja por violar uma restrição de menor ranqueamento, ou por violar tal restrição menos vezes, nos casos em que dois candidatos violam a restrição menor ranqueada.

Portanto, na análise de Schwindt (2011), assume-se que GEN só pode gerar uma mudança por vez no *input* e cada mudança deve gerar um candidato ótimo em EVAL, de forma que os *outputs* gerados serão reavaliados serialmente, até que haja convergência. Além disso, as estruturas de superfície não são definidas através de fonemas, mas de traços morfossintáticos que são realizados fonologicamente a cada “rodada” de avaliação, o que permite interação livre entre a realização do morfema e a fonologia.

Em sua análise da realização de gênero em português, Schwindt (2011) considera, na esteira de Camara Jr, que o gênero é um traço inerente aos substantivos e que tem função flexional; as raízes terminam em consoantes, sendo as vogais átonas em final de palavra vogais temáticas. O SG feminino, quando adicionado a uma palavra, gera um hiato com a VT, que é contornado pela não realização da VT por razões morfofonológicas. No caso do SG masculino, cuja exponência fonológica o autor considera ser *-o*, o hiato com a VT é evitado através da não realização do próprio SG masculino. Com base nisso, ele propõe as seguintes restrições para a análise:

- (4) MAX-M(F): essa restrição assinala uma marca de violação a cada ocorrência de um traço F que está na estrutura morfossintática e não possui correspondente na estrutura fonológica (McCarthy, 2011 *apud* Schwindt, 2011);
- (5) *C]ω: essa restrição, que, segundo o autor, é provisória, assinala uma marca de violação para cada palavra fonológica que termina em consoante (Schwindt, 2011);
- (6) *HIATUS: essa restrição assinala marcas de violação para ocorrências de hiatos (McCarthy, 2002 *apud* Schwindt, 2011).

Os traços presentes na estrutura morfossintática — como, nesse caso, as raízes, as vogais temáticas e os sufixos de gênero — integrariam restrições do tipo MAX-M(F) e o ranqueamento maior de uma dada restrição permitiria a realização de um morfema em detrimento do outro. Os morfemas sem expressão fonológica, nesse caso, deixariam de ser realizados por gerarem uma forma menos ótima graças a uma violação de MAX-M (Schwindt, 2011).

Segundo o autor, o ranqueamento de restrições relacionadas a SGs e VTs do português seria:

(7) MAX-M(CL3) >> MAX-M(FEM) >> MAX-M(CL2) >> MAX-M(CL1) >> MAX-M(MASC)
e a o a o

(Schwindt, 2011)

Esse ranqueamento garante a realização fonológica das vogais temáticas em detrimento da realização do SG masculino *-o* — já que MAX-M(MASC), a restrição que penaliza a não realização deste, é de menor ranqueamento e, portanto, sua violação é menos grave à otimalidade do *output*. O SG masculino deixaria de ser realizado para evitar a formação do hiato, graças ao ranqueamento das restrições *HIATUS>>MAX-M(MASC). O ranqueamento de todas as restrições, portanto, seria a seguinte:

(8) MAX-M(ROOT) >> *C]ω >> MAX-M(CL3) >> MAX-M(FEM) >> MAX-M(CL2)
 >> MAX-M(CL1) >> MAX-M(MASC) >> MAX-M (Schwindt, 2011)

Abaixo, apresentamos a análise exemplificada pelo autor para a palavra *menino*.

(9) Análise de [menino] – Etapa 1

MENIN-CL2-MASC	MAX-M(ROOT)	*C]ω	MAX-M
a. → <i>menin-CL2-MASC</i>		*	**
b. <i>MENIN-CL2-o</i>	*		**
c. <i>MENIN-o-MASC</i>	*		**

Na primeira etapa, MAX-M(ROOT) >> *C]ω faz com que a raiz seja realizada fonologicamente, embora sua realização gere uma violação a *C]ω. O *output* ótimo (chamaremos de *output 1*) será reavaliado na segunda etapa.

(10) Análise de [menino] – Etapa 2

menin-CL2-MASC	*C]ω	MAX-M(CL2)	MAX-M(MASC)	MAX-M
a. menin-CL2-MASC	*	*	*	**
b. → menin-o-MASC			*	*
c. *menin-CL2-o		*		*

Na segunda etapa, temos *C]ω >> MAX-M(CL2) >> MAX-M(MASC). O candidato idêntico ao *output 1* (isto é, menin-CL2-MASC) não é ótimo, nesta etapa, graças ao alto ranqueamento de *C]ω, portanto as modificações prosseguem. Aqui, a realização da VT-o é priorizada à realização do SG masculino -o por conta do ranqueamento em (10). O *output* ótimo (chamaremos de *output 2*) será reavaliado na terceira etapa.

(11) Análise de [menino] – Etapa 3

menin-o-MASC	*HIATUS	MAX-M(MASC)	MAX-M
a. menin-o-o	*		
b. → menin-o-MASC		*	*

Na terceira etapa, há convergência, já que o candidato idêntico ao *output 2* é também, aqui, o ótimo, graças ao ranqueamento *HIATUS >> MAX-M(MASC) que dá maior penalização à realização de hiatos do que à não realização do SG masculino.

Seguindo o mesmo ranqueamento de restrições abaixo, nomes como *patrioto* seriam agramaticais, como se vê na derivação abaixo:

(12) Análise de [patrioto] – Etapa 1

PATRIOT-CL1-MASC	MAX-M(ROOT)	*C]ω	MAX-M
------------------	-------------	------	-------

a. → patriot-CL1-MASC		*	**
b. PATRIOT-CL1-o	*		**
c. PATRIOT-a-MASC	*		**

MAX-M(ROOT) >> *C]ω faz com que a raiz seja realizada fonologicamente. O *output* ótimo será reavaliado na segunda etapa.

(13) Análise de [patrioto] – Etapa 2

patriot-CL1-MASC	*C]ω	MAX-M(CL1)	MAX-M (MASC)	MAX-M
a. patriot-CL1-MASC	*	*	*	**
b. → patriot-a-MASC			*	*
c. *patriot-CL1-o		*		*

*C]ω >> MAX-M(CL1) >> MAX-M(MASC) faz com que a inserção da VT *-a* seja preferível à inserção do SG masculino *-o*. A forma *patriot-CL1-o*⁴, com a realização do SG masculino e não realização da VT *-a*, seria agramatical, no sentido de que não seria a forma ótima, e não seria, portanto, reavaliada na próxima etapa.

(14) Análise de [patrioto] – Etapa 3

patriot-a-MASC	*HIATUS	MAX-M(MASC)	MAX-M
----------------	---------	-------------	-------

⁴ A palavra *patrioto* foi considerada como uma palavra de CL1, tanto pela prevalência da forma masculina *patriota*, com VT *-a*, quanto pela existências de formas inovadoras como o *blend* morfológico *patriotário*, que dependem da presença de uma VT *-a* para sua formação: nos *blends*, deve haver certa similaridade fonológica entre as formas para que intersecção das bases seja satisfatória.

a. patriot-a-o	*		
b. → patriot-a-MASC		*	*

Na terceira etapa há convergência, graças ao ranqueamento *HIATUS >> MAX-M(MASC), mas o único *output* ótimo possível seria *patriota*, não *patrioto*. Algo similar ocorreria com palavras de VT da CL3 (-e), já que o ranqueamento MAX-M(CL3) >> MAX-M(FEM) >> MAX-M(MASC) garante a realização da VT de CL3 -e em detrimento dos SGs -o e -a, tornando palavras como *moleco* agramaticais.

Como nessa análise há o ranqueamento das restrições entre si sem haver restrições em posição igual, assim como a eliminação de candidatos que violam restrições de ranqueamento maior, é impossibilitada a existência de dois *outputs* ótimos. É necessário definir se MAX-M(MASC) precede MAX-M(CL3) e MAX-M(FEM) ou se MAX-M(MASC) não precede MAX-M(CL3) e MAX-M(FEM) e, inevitavelmente, uma das formas encontradas deveria ser considerada agramatical⁵ em uma dada gramática.

4 Discussão: possíveis explicações para o fenômeno

Nas seções anteriores, discutimos questões colocadas pelas formas inovadoras no Quadro 1 para a análise de morfemas de gênero e classe em Teoria da Otimidade. Apesar de enfrentar desafios para derivar estes dados, esta análise possui grande cobertura empírica e, em comparação à análise estruturalista de Camara Jr., independe da postulação de morfemas zero.

Para dar conta da existência das formas inovadoras do Quadro 1 sem descartar a cobertura empírica da análise explorada aqui, serão discutidas algumas possibilidades analíticas para a questão.

4.1 Gramáticas em competição

⁵ Aqui, os candidatos não ótimos foram tratados como agramaticais, pois a abordagem aqui considerada não permitiria variação ou opcionalidade. Para gerar diferentes *outputs*, seria necessário um ranqueamento diferente das restrições.

Para Kroch (1994), a impossibilidade de haver duas formas fonológicas para um mesmo conjunto de traços morfossintáticos, isto é, a proibição de duplicatas morfológicas, (*morphological doublets*) é algo central em teorias morfológicas modernas, embora tais duplicatas sejam relativamente frequentes em dados linguísticos. O autor sustenta que é possível encontrar *morphological doublets* na produção linguística de um mesmo falante, argumentando que os indivíduos adquirem, em sua infância, apenas uma forma morfológica, mas que podem, ao longo de sua vida, ter contato com uma forma equivalente presente em outros dialetos e emprestá-la por razões sociolinguísticas ou por razões relacionadas à frequência da forma. As duas formas morfológicas, entrariam, então, em competição, possuindo frequências de usos muito distintas, até que, com o tempo, somente uma delas vença num dado dialeto.

Tomando a existência de gramáticas em competição, a variação encontrada passa a não mais pôr em xeque as análises de modelos teóricos “categóricos”, já que haveria coexistência de mais de uma gramática, cada uma gerando um *output*, ao invés de dois. A existência de duas gramáticas em competição na mente dos falantes, uma em que MAX-M(MASC) tem ranqueamento alto e outra em que MAX-M(MASC) tem ranqueamento baixo, poderia explicar a coexistência das formas com e sem marcação do SG *-o* (e.g.: *patriota* e *patrioto*). Se este for o caso, prevê-se o desaparecimento de uma das formas como uma possível resolução desta competição.

Além disso, há outra possibilidade discutida por Kroch para a existência de duplicatas morfológicas. Para o autor, ambas as formas podem coexistir e sobreviver no percurso histórico da língua caso elas passem a exibir diferentes significados⁶, o que vamos comentar na próxima subseção.

4.2 Marcação de *-o* como processo de derivação

Para Camara Jr. (1970), processos de derivação são motivados semanticamente, não dependem da concordância entre membros da oração e são assistemáticos, enquanto os de flexão são regulares, obrigatórios e dependentes da natureza da frase.

⁶ A exemplo, Kroch (1994) menciona que *fit* e *fitted* eram duplicatas do pretérito de *fit*, em inglês médio, que divergiram em significado, de forma que, no inglês contemporâneo, *fit* se mostra presente com usos agentivos, como em *I fit the suit*, e *fitted* com usos estativos, como em *I can get the suit fitted*.

Schwindt (2011) pontua que sua análise se restringe a processos de flexão. No entanto, parece possível argumentar que a marcação do sufixo *-o* encontrada nas palavras de CL1 e CL3 no Quadro 1 seja de natureza derivacional, como veremos adiante, — nesse caso, o *input* conteria um traço morfossintático X cuja realização fonológica também seria *-o* e o ranqueamento de MAX-M(X) seria superior ao das VT *-e* e *-a*, ou seja: MAX-M(X) >> MAX-M(CL3) >> MAX-M(CL1). Assim, a geração de duas formas, como *presidente* e *presidente*, seria possível, pois cada *output* teria um respectivo *input* e não haveria mudança no ranqueamento das demais restrições.

É possível que a presença do sufixo *-o* em algumas formas, como *feministo*⁷, *piranho*⁸ ou *presidente*⁹, seja motivada pragmaticamente, marcando um uso pejorativo/de deboche da palavra ou evidenciando o fato de que seu referente seja masculino. Sobre isso, é importante mencionar que esta marca pode ser encontrada até mesmo em nomes próprios, como nos casos de *Giselo* (usado para se referir ao ex-marido de Gisele Bündchen) (Quem, 2022) e *Boco Roso* (usado para se referir ao ex-marido da influenciadora conhecida como Boca Rosa) (Gshow, 2023), formas pejorativas para se referir aos cônjuges supostamente insignificantes das celebridades Gisele Bündchen e Boca Rosa.

Não é claro, entretanto, se a marcação de SG *-o* se dá por razões semânticas em outros nomes, como *colego* e *moleco*, de forma que esta hipótese deve ser sujeitada a uma avaliação futura. Além disso, é preciso mencionar que a própria flexão usual de gênero em substantivos biformes como *menino/menina* pode ser, sob alguns aspectos, semelhante à derivação: Sandmann (1991) defende que, no português, gênero não seja tratado como flexão por apresentar lacunas, pela ausência de motivação sintática, entre outros. Gonçalves (2011) e Possenti (2022) trazem dados mostrando que a flexão de feminino em nomes como *vagabundo*, *vadio* e *puto* geram um sentido pejorativo nas formas *vagabunda*, *vadia* e *puta*. Assim, cabe a

⁷ No Dicionário Informal, plataforma online em que palavras podem ser definidas pelos próprios usuários, encontramos duas definições de *feministo*: “Homem que se diz feminista, mas tende a praticar atos discrepantes com seu discurso.” e “Expressão pejorativa que se refere ao homem que é extremamente submisso ao movimento feminista (...)” (Dicionário Informal, 2024a).

⁸ Encontramos duas definições de *piranho*: “(...) Uso pejorativo, sinônimo de vagabundo, libertino, galinha.” e “Homem que leva a vida fácil. (...)” (Dicionário Informal, 2024b);

⁹ Encontramos uma definição de *presidente*: “O presidente HOMEM. O presidente MACHO.” (Dicionário Informal, 2024c).

investigações futuras investigar a real natureza destes morfemas — tanto as formas clássicas quanto as inovadoras do Quadro 1.

5 Considerações finais

Os dados apresentados neste trabalho parecem, à primeira vista, conter a marcação do SG *-o* no português, o que é inesperado e parece problematizar análises que consideram que a marcação de gênero masculino não tem expressão fonológica na língua. No entanto, sugerimos que esses dados podem se tratar de uma manifestação de uma mudança em curso no português, ou, ainda, da manifestação de um sufixo derivacional *-o* com significado pejorativo. As hipóteses traçadas aqui são preliminares e devem ser submetidas a verificação posterior.

REFERÊNCIAS

A MARCELA é uma mulher, cara. Não entra na minha cabeça que ela tá perdendo tempo com esse moleco preguiçoso e porco. [s.l.], 25 fev. 2020. Twitter: @viancamartins. Disponível em: <<https://x.com/viancamartins/status/1232487417958920193>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BOM dia para você que foi dormir e não assistiu o presidente [...]. [s.l.], 29 out. 2022. Twitter: @quarti_sandra. Disponível em: <https://x.com/quarti_sandra/status/1586334825786449920>. Acesso em: 12 set. 2024.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

FEMINISTO. *Dicionário Informal*, 2024a. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/feministo/>. Acesso em: 05. set. 2024.

GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOT7 é um dos grupos mais completos que eu já vi tem líder, tem modelo, tem eboy [...]. [s.l.], 31 jan. 2021. Twitter: @lfkovalski. Disponível em: <<https://x.com/defflaus/status/1355961342130331648>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GSHOW. *Quem é Boco Roso? Internautas dão apelido divertido para Fred do BBB 23.* Gshow, 17 jan. 2023. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/internet-ta-vendo/noticia/quem-e-boco-roso-internautas-dao-apelido-divertido-para-fred-do-bbb-23.ghtml>>. Acesso em: 06 set. 2024.

Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.142473

KROCH, Anthony. Morpho-syntactic variation. In: BEALS, Kenneth et al. *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation in Linguistic Theory*, v. 2, p. 180-201, 1994.

MCCARTHY, John. *Doing Optimality Theory*. Malden: Blackwell Publishing, 2008.

MCCARTHY, John. *Harmonic Serialism and Parallelism*. North East Linguistics Society: Volume 30, Amherst, v. 2, 2000. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/entities/journalissue/1ac97f4d-8458-49a5-ba7f-d572851a9054>. Acesso em: 05 set. 2024.

ME HUMILHANDO pra um colega de curso me falar pq ele ta estranho cmg do nada [...]. [s.l.], 08 dec. 2022. Twitter: @lfkivalski. Disponível em: <<https://x.com/lfkivalski/status/1600844052982734848>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

NO BANCO, na arquibancada, como gandulo, onde ele tivr chef. [s.l.], 09 dec. 2022. Twitter: @GabrielH_0. Disponível em: <https://x.com/GabrielH_0/status/1601277129119133696>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PIRANHO. *Dicionário Informal*, 2024b. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/piranh/>. Acesso em: 05. set. 2024.

PRESIDENTO. *Dicionário Informal*, 2024c. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/presidento/>. Acesso em: 05. set. 2024.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality theory: Constraint interaction in generative grammar*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

POSSENTI, Sírio. O gênero e o gênero. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (Org.). *Linguagem “neutra” em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 17-35.

QUEM. *A fofoca do fim do casamento de @gisele e Giselo @tombrady ganhou [...]*. [s.l.], 06 out. 2022. Instagram: @quem. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CjYqpyzJX6G/>>. Acesso em: 06 set. 2024.

QUERIA ser piranho, mas sou emocionado mil grau. [s.l.], 24 ago. 2020. Twitter: @as_ramoon. Disponível em: <https://x.com/as_ramoon/status/1297877808585363456>. Acesso em: 12 set. 2024.

SANDMANN, Antônio José. *O morfema de gênero nos substantivos*. In: *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SANTANA, Beatriz Pires. *Morfologia ornamental: as vogais temáticas do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Curitiba, 2019.

Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.142473

SCHWINDT, Luiz Carlos. *Zeros na morfologia nominal portuguesa à luz da Optimal Interleaving Theory*. ReVEL, Porto Alegre, edição especial n. 5, p. 264-276, 2011.

SIMPLESMENTE o professor mais feminista e compreensível do itec. [s.l.], 06 dec. 2022.
Twitter: @devilishtrivia. Disponível em:
<<https://x.com/devilishtrivia/status/1600217230192521218>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

UM PATRIOTO DE VERDADE, NAÕ UMA MARIO NET NA MÃO DOS [...]. [s.l.], 13 set. 2018.
Twitter: @RaUL_AMDERLAINE. Disponível em:
<https://x.com/RaUL_AMDERLAINE/status/1040269689321152514>. Acesso em: 12 dez. 2022.

WOLF, Matthew Adam. *Optimal Interleaving: serial phonology-morphology interaction in a constraint-based model*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística, Universidade de Massachusetts Amherst. Amherst, p. 513. 2008.

Artigo submetido em: 02 set. 2024

Aceito para publicação em: 07 out. 2024

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.142473>